

SOB A ORDEM DO PROGRESSO:

A construção do imaginário social soteropolitano sobre a criminalidade a partir do discurso médico

Under the order of progress: The construction of the soteropolitan social imaginary about crime from a medical discourse

Patrick Moraes Sepúlveda¹

Artigo recebido em: 31/03/2020.

Artigo aceito em: 16/06/2020.

RESUMO

O presente artigo tem o intuito de compreender a introdução das teorias antropológicas na cidade do Salvador, em específico, a contribuição do Dr. Nina Rodrigues para a construção do imaginário social entre as décadas finais do século XIX e o início do século XX. Período marcado por mudanças na estrutura social e pela ascensão da classe médica, que sob influência dos vislumbres ideários de progresso alterariam a configuração dos espaços urbanos e consequentemente o cotidiano da população local.

PALAVRAS-CHAVE: Medicina; Criminalidade; Nina Rodrigues; Modernização; Salvador.

ABSTRACT

This paper aims to understand the introduction of anthropological theories in the city of Salvador, in particular, the contribution of Dr. Nina Rodrigues to the construction of the social imaginary between the final decades of the 19th century and the beginning of the 20th century. Period marked by changes in the social structure and the rise of the medical profession, which, under the influence of ideas of progress, would alter the configuration of urban spaces and, consequently, the daily lives of the local population.

KEYWORDS: Medicine; Crime; Nina Rodrigues; Modernization; Salvador.

¹ Patrick Moraes Sepúlveda é formado em História pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL) e mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus II. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3033077833450417>. E-mail: patrick0sepulveda@hotmail.com.

1. Introdução

Em meados do século XIX, as cidades brasileiras viveram um intenso processo ocasionado pelos movimentos de higienização, no qual a medicina logrou uma posição importante em relação a questões que modificariam o modo de vida social até os primeiros anos da República. Nesse contexto, os médicos brasileiros buscavam acompanhar os avanços da ciência nos países europeus e introduzi-los a realidade nacional. Coincidentemente, os seus ideais higienistas uniram-se aos projetos modernizadores das classes dominantes locais, que àquela altura transformariam aos poucos a estética das ruas, dos edifícios e até dos costumes de toda a população.

No caso de Salvador o processo não foi diferente, pois a cidade possuía semelhanças, em termos de configuração da estrutura social, a modelos de outras cidades brasileiras. A urbe soteropolitana formou-se e ocupou os espaços a partir do seu perfil comerciante, ora pela nítida divisão de classes existente caracterizada por três grupos distintos: a burguesia voltada para atividades econômicas como o comércio exportador em parceria com a produção agrária do recôncavo; os segmentos populares, que viviam sob péssimas condições de trabalho e se caracterizavam por serem grupos complexos considerados excluídos² de direitos básicos e da participação política; e uma classe média com pouco poder de compra e baixos salários (BATISTA, 2018, p.50).

Submerso neste contexto social, estava a classe médica, que buscava a separação com a filantropia, prática muito comum na Bahia e herdada pela coroa portuguesa na sua chegada ao Brasil. A sua administração estava sob encargo da Santa Casa de Misericórdia, instituição de grande poder frente o tratamento a saúde, cuja supervisão se destinava a hospitais comuns, os de mendicância e asilos. Vínculo que prevaleceu até os primeiros anos do século XX, quando embates entre os

² Uma série de grupos são considerados nesse período como excluídos, dentre eles: mendigos, loucos, criminosos, mulheres e vagabundos. Sobre a configuração destas subdivisões dos segmentos populares, ver: FILHO, Walter Fraga. *Mendigos e vadios na Bahia do século XIX*. Salvador, UFBA, 1994.

médicos e as Santas Casas estremeceram esta parceria, devido as condições sanitárias inadequadas dos hospitais. As tensões se intensificavam quando se tratava sobre o setor da psiquiatria, área com métodos coercitivos atraentes aos interesses do Estado, que por sua vez passaria a gerir exclusivamente instituições deste cunho (RIOS, 2006, p. 164).

As teorias médicas europeias foram implantadas de acordo com a realidade soteropolitana, a partir da construção das ideias de ciência como verdade, o que alavancou uma série de estudos em diversas áreas de concentração. Na Faculdade de Medicina da Bahia, uma das principais instituições acadêmicas no país, as teses variavam desde estudos sanitários e topografia até a antropologia criminal, área apoiada no evolucionismo, na qual o Dr. Nina Rodrigues ficaria conhecido nacionalmente. Esta linha de pesquisa alteraria a perspectiva da sociedade sobre os segmentos populares, que além de introduzir conceitos da medicina europeia sobre raça em um contexto brasileiro que a pouco deixava de ser um sistema escravista, ainda apresentavam os negros e mestiços como biologicamente inferiores aos brancos, contribuindo para criação de signos e consolidando o estigma aos grupos excluídos.

Portanto, o presente artigo estará dividido em três partes. A primeira abordará as transformações físicas da cidade do Salvador e como se caracterizava a sua estrutura social. Em um segundo momento, nos preocupamos em contextualizar sobre a introdução de algumas correntes científicas e apresentar como o funcionamento dos ideais presentes nas teses médicas -em específico nas obras do Dr. Nina Rodrigues- influíram no cotidiano da população soteropolitana. Por fim, analisaremos como as soluções dos médicos e a máquina estatal frente aos problemas contribuíram para a construção do imaginário social sobre a criminalidade, visto a intensificação da força do código penal com o desenvolvimento das teses científicas. Práticas de uma sociedade estruturalmente desigual, pautada na moralidade e com perfis preestabelecidos de potenciais criminosos em meio aos anseios pela conquista do progresso.

2. Os lapsos da modernização

O século XIX foi marcado por movimentos no Brasil que gerariam mudanças tanto na organização dos espaços urbanos das cidades, como nos costumes e o cotidiano da população. A cidade do Salvador foi um desses palcos em todo seu território até a segunda década do século XX, onde a implantação dos bondes, o alargamento das ruas e o conjunto de edificações modernas acabaram unindo-se as singelas casas, caracterizando peculiaridades próprias do centro. A sua configuração inicial contemplava uma divisão entre cidade alta e baixa, cuja primeira era marcada por se concentrar na freguesia da Sé, conhecida pelo funcionamento administrativo, religioso e moradia dos grupos dominantes soteropolitanos até o início do século XIX, quando boa parte dos segmentos populares migraram e se estabeleceram no local (NASCIMENTO, 2007, 72-80).

Em um ritmo diferente, a cidade baixa se caracterizou por ser o centro comercial da capital baiana. O seu perfil portuário se desenvolveu ainda com a comercialização de africanos, atividade que se tornou corriqueira e teve na Bahia o principal local de chegada de escravos entre os séculos XVII e XIX. Além da escravidão, a exportação do açúcar e mais tarde do cacau também concentraram no comércio o maior investimento das classes dominantes nesta atividade, tornando-a a principal e mais lucrativa do estado.

Mesmo com a chegada do período republicano, o comércio ainda continuava a ser a principal atividade econômica de Salvador e com investimento direto dos governos baianos. Para se ter uma ideia, devido as suas condições precárias de higiene, o porto da cidade foi um dos locais de inúmeras intervenções sanitárias do período. Preocupação justificável pelas classes dominantes, por essa ser a principal região de entrada e saída de produtos, com alto fluxo de circulação de pessoas e uma posição estratégica que favoreceria o funcionamento atividades comerciais ao seu entorno, cuja maioria das lojas, centros e edifícios desta região ali

se localizavam com os aspectos da modernização. Como podemos ver na fotografia abaixo publicada na segunda década do século XX pela *Revista Bahia Ilustrada*³:



Fonte: Revista Bahia Ilustrada, 1917, p.23.

O processo de transição dos grupos sociais urbanos para outras localidades da cidade corresponde a diversos fatores associados a uma complexa organização da vida cotidiana. O primeiro deles está relacionado ao “papel metropolitano” adquirido por Salvador diante das outras cidades em seu entorno, pois existiu um intenso crescimento populacional, seja pelos latifundiários, que viviam do “parasitismo da terra” ou os indivíduos fugidos em decorrência da seca no sertão em busca de melhores condições na capital. Através disto, se consolidou uma divisão espacial em que grupos de maior poder aquisitivo, adquirido pela exploração da terra, passaram a se estabelecer geograficamente para o sul da cidade,

³ A *Revista Bahia Ilustrada* foi um dos principais meios de difusão dos ideais modernos do período republicano. Ao analisarmos as suas páginas percebemos que o objetivo era propagar a “civilidade” ao apresentar notícias de famílias opulentas, as novidades da política republicana, o avanço do cientificismo e as mudanças nos espaços urbanos. Para além disto, apresentava como novidade a utilização de fotografias em melhor resolução, quando comparadas as encontradas nos jornais populares.

principalmente no bairro da Graça e Vitória, enquanto a classe média e pobre se concentrou ao norte (SANTOS, 2008, p.45-46).

Ao contrário dos distritos considerados pobres da cidade, sempre relatados como locais sanitariamente problemáticos, a realidade dos bairros nobres de Salvador na primeira república era diferente, como sugere a fotografia abaixo de uma rua na Graça, datada do ano de 1918:



Fonte: Revista Bahia Ilustrada, ed. 2, 1918. p. 23

Ao analisarmos a imagem, podemos perceber o interesse da revista em registrar um lado da cidade organizado e bem estruturado, contendo praças bem arborizadas, ruas asfaltadas e iluminadas, com casarões nobres de fachadas que remetem ao modelo de grandes cidades europeias. Ao migrar para outro setor da cidade e remodelar os espaços urbanos, o projeto modernista da classe dominante ganhou forma, onde para se consolidar buscaram aderir a uma linha semelhante de outro discurso em voga no período: o cientificismo.

3. O cientificismo na sociedade soteropolitana

“Nada faz acreditar que a organização dos serviços sanitário nos estados possa vencer a criminoso conspiração da indiferença e tolerancia do nosso povo, de um lado com a rivalidade, resistencia e hostilidade surda das autoridades administrativas, se traduzindo antes pela inercia e protelação do que por uma opposição franca e decidida: de outro lado, com as serias dificuldades orçamentarias; e finalmente com os conflictos de interesses particulares, commerciaes e industriaes.” (RODRIGUES, *Gazeta Médica da Bahia*, 1891, p.103)

Com essa declaração, o eloquente Dr. Nina Rodrigues manifestou o seu descontentamento frente as condições dos serviços sanitários nas páginas do jornal *Gazeta Médica da Bahia*. Para ele, o interesse exclusivo da administração pública sobre o comércio e a indústria tornavam-se os principais percalços para o melhoramento do setor da saúde. O médico maranhense defendia a veracidade a partir dos resultados científicos e a valorização da medicina, o que geraria uma série de tensões com os governos locais. Mas embora a sua declaração denuncie os privilégios concedidos aos donos de comércio e indústrias, a classe também se beneficiou dos avanços científicos e dos interesses dos grupos dominantes, tornando-se uma espécie de condutora social para o caminho da civilização.

Essa relação dicotômica permitiu que a medicina entre os séculos XVIII e XX participasse ativamente da criação de conceitos transformadores para o cotidiano popular. Em países europeus como a Inglaterra e França, precursores nos estudos sanitários, as medidas ocorreram pela necessidade de mapear as áreas urbanas na qual os miasmas apresentariam maiores riscos. Logo, se desenvolveu uma área do conhecimento denominada de Topografia Médica, onde buscava-se analisar diversos fatores para a propagação de doenças a partir da teoria dos miasmas, como por exemplo os dados geográficos dos locais, a demografia e os perfis econômico-sociais da população. Porém, a ciência avançava gradualmente com novas descobertas e conquistaram certo prestígio social que consequentemente mudaria o modo de vida nos espaços urbanos, a exemplo disto temos a superação da lógica dos miasmas pela teoria microbiana de Pasteur (FERREIRA, 2003, p.6).

Os movimentos higienistas, como ficaram conhecidos, não tardariam a ser aos poucos importados ao contexto brasileiro, e a partir de uma necessidade e clamor por condições sanitárias mais adequadas, o uso dessas teorias implicariam em uma maior força e protagonismo da classe médica frente as questões sociais. Em grandes cidades do país, o combate a possíveis focos de epidemias tornou-se discussão crucial para a ciência, o que contribuiu não somente para as delimitações territoriais⁴, mas também de práticas severas de remodelação de antigos costumes culturais dos indivíduos.

A proibição dos enterros nos interiores das igrejas é um exemplo concreto deste processo em Salvador, costume culturalmente comum a toda a população soteropolitana de fortes crenças no “bem morrer”. As medidas higiênicas na ocasião visavam preservar e prevenir a disseminação de miasmas, evitando com que os corpos em decomposição fossem alocados no mesmo ambiente de intenso fluxo de pessoas. Como resposta às soluções científicas, os tensos protestos geraram um embate entre uma medicina em ascensão dotada do uso abusivo da disciplina, os proprietários que passariam a se aproveitar do comércio da morte para atingir os seus próprios interesses e grupos populares em busca de reivindicar o enterro dos seus mortos de acordo com o seus costumes⁵. Inclusive, a disciplina torna-se um modo de controle contra os corpos, tornando-se uma alternativa eficaz da máquina estatal por meio da truculência policial para conter os que não se adaptavam as rotinas e as denominadas normas da razão (FOUCAULT, 1972, p. 102).

A medicina conquistou definitivamente o seu espaço de importância na sociedade ao final do século XIX, com ele, expandiu o seu foco para outras áreas

⁴ Ao pensarmos no conceito de território, que seria a relação de dominação de um grupo social sobre a natureza, e também nos fatores políticos e econômicos, que levaram a transformação da cidade do Salvador, é necessário considerar os espaços como produtos de suas próprias relações sociais, ou seja, os indivíduos interferem diretamente na sua configuração. No caso desta relação complexa entre médicos e população, o território foi organizado a partir do “ideário” ou “simbólico”, devido as novas práticas sanitárias introduzidas no Brasil (FARIA; BORTOLOZZI, 2009, p. 4-6).

⁵ Para compreender a resistência popular frente a proibição dos enterros, ver: REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

como a antropologia criminal. Os novos estudos foram desenvolvidos em maior escala na Faculdade de Medicina da Bahia, instituição acadêmica que mais produziu teses voltadas para a compreensão sobre os avanços da criminalidade, motivadas pelo avanço dos casos nos espaços urbanos do período. Nina Rodrigues foi o precursor no estado em tais pesquisas e ganhou notoriedade ao defender as suas teses utilizando os métodos de craniometria do italiano Cesare Lombroso⁶, na qual a sua finalidade era compreender a natureza da criminalidade e relacioná-la ao contexto social brasileiro, o que inspiraria outros movimentos de cunho semelhante como a eugenia⁷. Os seus ideais radicais pautados no evolucionismo seriam difundidos nas páginas do jornal *Gazeta Médica da Bahia*, onde tentava proporcionar outros ares de concentração para a atuação médica, bem como aumentar o respaldo do seu ofício (SCHWARCZ, 1993, p.155).

Em uma dessas publicações para o jornal *Gazeta Médica da Bahia*, Nina Rodrigues fez a análise craniométrica de Lucas, um escravo negro, que segundo a matéria fugiu da casa do “seu senhor em 1828” e ao lado de outros seis escravos formaram um grupo que “até 1848, infectou, roubando e assassinando, as principais da então villa da Feira de Sant’Anna”⁸, tendo sido enforcado em “setembro de 1849”⁹. O médico conta ainda nas páginas do jornal como adquiriu o crânio, demonstrando entusiasmo e definindo-o como “peça importante”¹⁰. Fruto de uma doação para fins científicos à Faculdade de Medicina, após a exumação do corpo, que estaria enterrado por um período de “uns cinco ou seis anos”¹¹ depois da

⁶ O médico italiano Cesare Lombroso desenvolveu teorias no seu país que defendiam métodos de análise craniométrica em indivíduos para explicar a sua degeneração. Para ele, a predisposição ao crime era hereditária e deveria ser tratada com o isolamento social. (RANGEL, 2015, p.14)

⁷ A eugenia foi um movimento de caráter conservador que buscou solucionar questões do cotidiano urbano como a delinquência. Sob influência do Darwinismo-social, foi importada no Brasil através do médico paulista Renato Kehl, que além de atribuir as dificuldades de atingir o progresso às raças ditas inferiores, impulsionou discursos das classes dominantes sobre a importância do trabalho como atividade moralmente adequada para o avanço social (GÓES, 2015, p.116-118).

⁸ RODRIGUES, Nina. Estudos de craniometria. O craneo do salteador Lucas e o de um índio assassino. *Gazeta Médica da Bahia*. N° 9, 1892. p. 386.

⁹ RODRIGUES, Nina. Estudos de craniometria. O craneo do salteador Lucas e o de um índio assassino. *Gazeta Médica da Bahia*. N° 9, 1892. p. 386. P. 388.

¹⁰ Idem.

¹¹ RODRIGUES, Nina. Estudos de craniometria. O craneo do salteador Lucas e o de um índio assassino. *Gazeta Médica da Bahia*. N° 10, 1892. p.433.

execução do escravo. O objetivo de Nina em comparar as dimensões do crânio de Lucas com a de outros negros presos por outros diversos crimes era de defender a sua tese e difundir as chamadas teorias raciais em um jornal de prestígio, contribuindo para a formação do imaginário social em relação a criação de um perfil para a criminalidade.

A Gazeta Médica da Bahia não foi o único espaço que o médico defendeu seus ideais, Nina Rodrigues ainda se dedicaria a escrever obras para aplicar as teorias de degeneração na sociedade soteropolitana. Em *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, foi feita uma análise craniométrica de um menor de idade preso pelo assassinato do seu próprio pai, onde o autor chega a questionar se o perfil do indivíduo seria o de “um criminoso nato, ou de hábito aperfeiçoado pelo meio” (RODRIGUES, 2011, p.90). Já em *Os Africanos no Brasil*, embora concorde que a prática religiosa do Candomblé contenha o que chama de “devassidão” e apoie a vigília da polícia nestes meios, não a considera em si como infração no código civil brasileiro, pois a própria constituição garante o livre exercício da religião, mesmo que contraditoriamente fosse perseguida pelas autoridades. Porém, o incômodo do médico e as suas críticas se concentrariam no curandeirismo, cuja denominação surge na sua obra como feitiçaria, prática proibida nesse contexto e considerada como um “exercício ilegal da medicina” (RODRIGUES, 2010, p.277).

Em seus argumentos apresentados até aqui e apoiado em teorias do Darwinismo Social, Nina Rodrigues buscou compreender o funcionamento dos terreiros e o modo de vida dos africanos na Bahia, contrariando outros cientistas da “Escola de Recife” no período, como Silvio Romero (SCHWARCZ, 2007, P. 883). Em contrapartida, defendia o desejo civilizatório -em termos de civilidade europeia- proposto por grupos dominantes brasileiros e chegou a reforçar os estigmas relacionados aos costumes populares, definindo-os como ainda em “estágio primitivo”, ou seja, as suas concepções consolidariam todo o processo de estruturação do racismo no Brasil e falaria negros, índios e mestiços ao status de inferiores, enquanto os povos brancos seriam elevados a condição de superioridade (CORRÊA, 2001, p.123).

4. O imaginário sobre a criminalidade

Para compreendermos como às colocações teóricas de Nina Rodrigues e dos seguidores da sua “escola” influenciaram na criação no imaginário social sobre a representação do criminoso, precisamos mergulhar no contexto social da transição do final do século XIX até os primeiros anos do século XX. Como já foi dito anteriormente, essa é uma sociedade com divisões de classes bem definidas, onde o poder estava sob a posse de grupos dominantes que ansiava pela modernização, visto a admiração pelo modelo europeu. Embora esse poder se concentrasse sobre uma classe, ainda seria necessário uma série de práticas de controle social para que o desejado progresso funcionasse nesta sociedade.

Ao estudar o contexto da Inglaterra, E. P. Thompson (1998) sugere que o código penal também foi posto como um método de controle dos indivíduos, apesar de que tenhamos que levar em consideração a complexa relação entre subalternos e grupos dominantes, repleta de teatralidade¹² de ambas as partes e estratégias dos primeiros contra medidas coercitivas. Contudo, as leis funcionavam com o principal objetivo de impor regras a sociedade e moldar os costumes populares, afinal, quem não se encaixasse no que era proposto como civilizado ou infringisse as normas impostas receberia o castigo -que poderia variar entre prisão e execução- como forma de demonstração de poder (THOMPSON, 1998).

Quando retornamos ao contexto de Salvador, o caráter hegemônico do código penal moldou toda a sociedade a seu favor, onde a alternativa mais eficiente da máquina estatal era o encaminhamento dos indivíduos para instituições de reclusão¹³. Nelas nos deparamos com o funcionamento administrativo baseado na

¹² As relações entre a gentry (a classe dominante) e o proletariado era muito mais complexa e considerada por E. P. Thompson como uma possível teatralidade, ou seja, os atos de benevolência por parte dos primeiros eram também brechas para pedidos de retribuição através de atividades laborais e de ordem (THOMPSON, 1998, p.49).

¹³ O Brasil passou a dispor de complexos prisionais, casas de correção e asilos para conter os grupos que não se encaixassem ao modelo proposto. A reclusão tornava-se uma alternativa do Estado para moldar o indivíduo a ordem.

moralidade sob métodos disciplinares, onde as atividades laborais lembravam o mundo exterior, porém, esses eram locais de presença em sua maioria de indivíduos determinados grupos marginalizados. O sustento em teses do período justificava as ações coercitivas, cujo doenças como a loucura e o alcoolismo eram consideradas como males sociais que levariam os sujeitos a degeneração (VAZ, 2017, p.94).

A moral atingia também a questão do trabalho, pois ele era um fator determinante para o funcionamento desta sociedade, afinal, todos deveriam exercer algum ofício para que fossem simbolicamente elevados a representação do “sujeito de bem”. Nesse sentido, o criminoso iria contra a ordem social vigente e a lógica comum do meio urbano, rompendo com hierarquia de grupos de poder que buscavam a organização regrada intensamente ao progresso (ALMEIDA, 2011, p. 21).

No intuito de adquirir maior controle sobre os que desobedeciam ao novo segmento social, foram criados perfis para ser um criminoso, onde na maioria das vezes existia alguma associação a grupos subalternos. Para Costa (1997), a degeneração tinha um perfil já consolidado nesta sociedade:

...uma vez mais os negros se mostram os mais criminalóides entre os criminosos: concentram eles cerca de um terço dos estigmas degenerativos identificados nas perícias, merecendo uma especial menção o fato de que as assimetrias faciais relatadas (e, lembramos que, junto á hipertrofia da fosseta vermiana, é este o traço decisivo na construção do tipo lombrosiano) o foram em indivíduos melanomodernos. (COSTA, 1997, p. 190-191)

Ao analisarmos a colocação de Costa (1997) percebemos o quanto a medicina contribuiu para a personificação do criminoso, sendo amparado por discursos científicos de superioridade da raça branca. A união com o Estado, previu solucionar questões desta natureza com o apoio da polícia local que não hesitaria no uso da força, truculência e autoritarismo. Inclusive, era a principal maneira de conter diretamente os segmentos populares, visto o intuito de manter uma classe dominante mais segura nas ruas, enquanto as próprias autoridades se isentavam da recuperação dos indivíduos, sob os argumentos de inferioridade seletiva a determinados grupos. Ao mesmo tempo que o cárcere era lucrativo para os

empresários privados e os favoreciam à medida que lucravam com o barateamento da mão-de-obra dos presos (AGUIRRE, 2017, p.41-45).

Porém, nem todos os grupos aceitaram apáticos às proibições e perseguições dos seus costumes na cidade do Salvador, estamos certos de que a autonomia médica e o autoritarismo da polícia também geraram alguns conflitos e tensões. A continuidade das práticas de curandeirismo eram formas de resistência a um sistema centralizado na medicina como a única que poderia exercer legalmente o ofício do tratamento a saúde, como mencionamos anteriormente, essa é uma das atividades populares mais criticadas pelo Dr. Nina Rodrigues, chegando a ser denominada de feitiçaria.

O professor Faustino foi um desses indivíduos perseguido incessantemente por médicos e a justiça, sob a alegação de infringir a lei. Conhecido como “Doutor Bota-Mão”, a sua coleção de julgamentos estampava as capas dos jornais de diversas cidades do Brasil, transformando-o em uma figura de clara notoriedade e de respaldo dos segmentos populares. Mas Faustino era justamente o contrário do perfil propagado pelos discursos e teorias médicas, pois às consideravam práticas exclusivas dos grupos inferiores. O fato de ser branco, o fariam fugir da norma imposta relacionada a questão racial ou a características físicas dos sujeitos praticantes do curandeirismo. No mesmo sentido, deve-se levar em consideração o fato de ter sido um homem “letrado e com uma rede de relacionamentos bastante densa” (ROCHA, 2015, p. 34). Como desfecho de toda a perseguição, Faustino demonstrou a sua perspicácia em uma decisão inteligente no seu julgamento, utilizando a seu favor a própria Constituição, que previa o exercício de qualquer profissão para se defender das acusações. (ROCHA, 2015, p. 125)

Outra prática proibida e perseguida pela polícia baiana era a capoeira, uma vez que a figura dos seus praticantes estava na maioria das vezes associada a malandragem e a vadiagem. Os capoeiras podem ser classificados no contexto da Primeira República também como grupos de resistência, porque além de terem convivido com os diversos manejos para a deslegitimação da sua imagem nos jornais

que os relacionavam com o envolvimento de crimes, eram muitas vezes considerados subversores. Esses personagens sociais eram conhecidos por não seguirem o modelo disciplinador das classes dominantes, à medida que faziam samba, batucada e não se vestiam ao modo como se era determinado para o período. Contudo, devemos lembrar que também eram grupos autônomos, ou seja, apesar de muitos escolherem ser a resistência, outros optariam por auxiliar no trabalho das autoridades policiais (DIAS, 2004, p.124).

Embora o discurso da superioridade tenha se estabelecido e pesado sobre o negro na sociedade, no Brasil republicano, as teorias do darwinismo social e evolucionismo foram aplicadas de mesmo modo contra a região Nordeste. A relação tornou-se comum após o interesse de alguns estados da união em mapear e conhecer outras regiões do país, e mediante a isto, a imprensa dos estados do sul se encarregou de traçar estratégias para difundir em seus jornais locais o “atraso” do povo nordestino em relação ao sulista. Para defender os seus argumentos, os paulistas alegavam a superioridade regional pela sua ascendência branca e consideravam que a inferioridade do Nordeste era devido a sua própria natureza (ALBUQUERQUE, 2011, p.55-57). Para Nina, o fator do clima tropical e a mestiçagem presente nos estados do norte também seriam determinantes para explicar a falta dos avanços civilizacionais da população ao norte do país, o que os levaria a decadência (ALBUQUERQUE, 2011, p. 70-71).

A simbologia acerca do perfil criado de criminalidade se aliou a alternativas pouco eficazes para a resolução dos problemas sociais. Entre a implantação da reclusão e a consolidação do seu funcionamento, o uso excessivo do cárcere como solução para uma série de dificuldades nesta sociedade gerou também fragilidades perceptíveis no próprio sistema e mantidas na atualidade. Ora, porque o uso abusivo da força destinava-se em maior concentração aos grupos subalternos, pelo mínimo de interesse do Estado no melhoramento das prisões e na reabilitação dos indivíduos, ou em práticas questionáveis como a “tortura de presos, ineficiência administrativa, corrupção, falta de higiene e superlotação” (TRINDADE, 2012, p. 206-207). Processo falho no seu funcionamento, no entanto, crucial para manter a

força de grupos beneficiados pelo investimento no comércio e a exploração da terra, enquanto impedia a possibilidade de reformulação da estrutura social no pós-abolição e impusera a adequação popular à uma nova realidade desigual, de direitos democráticos básicos limitados e um liberalismo excludente.

4. Considerações finais

As inúmeras teses e discussões acadêmicas dos médicos sobre a questão da raça, desde o seu surgimento no século XIX, obteriam o seu ápice nas primeiras décadas do período republicano e modificariam diretamente toda a dinâmica da sociedade soteropolitana. A difusão destes ideais chegaria também nas páginas dos jornais locais e influenciaram em práticas políticas inspiradas pelo progresso. Compreendemos, portanto, que a Proclamação da República foi um evento histórico com uma série de mudanças no cenário urbano, político e social. Porém, mesmo com a novidade do seu caráter liberal, não conseguiu atender aos anseios de liberdade que boa parte da população buscava após o término recente de anos de escravidão. Ao invés disto, a própria Constituição privilegiou grupos dominantes ao incentivar o jogo político de poder no país das conhecidas oligarquias, enquanto em contrapartida excluiria de suas linhas diversos outros de direitos básicos.

Apesar da implantação de diversas fórmulas para conter a população, vimos o quanto que a população não assistiu de “olhos fechados” todo esse processo. Muito pelo contrário, eles ainda encontraram formas diversas de resistência contra o autoritarismo, vindo de forças que desejavam cumprir os seus próprios interesses. Como exemplificamos ao longo do texto, os capoeiras e o professor Faustino foram ativos no processo histórico e de grande importância para compreendermos o clamor da população pela liberdade de realizar suas práticas culturais, desconstruindo a ideia de uma população que aceitou a imposição das classes dominantes sem reivindicar os seus direitos.

Embora existissem grupos resistentes ativos, o estigma criado pela medicina traria conseqüências assombrosas para a realidade dos negros no Brasil, afinal, as suas teorias ocasionariam na perseguição das religiões de matriz africana, as práticas de curandeirismo e a capoeira. No entanto, mesmo que condenemos os seus discursos e atitudes, devemos levar em consideração que Nina Rodrigues e outros intelectuais eram homens do seu período, com pensamentos e definições influenciadas pelo seu meio e nos cabe analisar suas obras e falas com atenção e não a responsabilidade de julgá-los, pois criticar e introduzir conceitos atuais correm sérios riscos anacrônicos. Ou seja, o nosso papel é o de compreender todo o contexto e perceber como os seus discursos e colocações influenciaram o mantimento de grupos dominantes no poder e como elas contribuíram para a realidade atual, visto a recente crescente do racismo e de movimentos antidemocráticos.

O que estamos certos é que os avanços da historiografia, através de estudos relacionados a diversas temáticas têm crescido nos campos da história da saúde muito pelo auxílio interdisciplinar proveniente das consideradas ciências “irmãs” como a psicologia, a geografia, antropologia e a filosofia. O que nos permite introduzir uma discussão teórica diferenciada, em vista de melhores resultados para a pesquisa, além de mergulhar em uma parte específica da história do Brasil, onde a maior concentração torna-se compreender quais os elementos dos discursos médicos foram indispensáveis para a formação do racismo estrutural na nossa sociedade atual e dar voz aos diversos personagens da dinâmica da cidade nesse período. Portanto, conhecer as técnicas de marginalização ao nascer da República e os diversos processos de exclusão e reclusão seletivos, não só nos fornecem alternativas para sabermos quem são os grupos privilegiados que passaram a “ditar” as regras sociais, mas também proporciona forças ao combate a problemas com origem no passado e ainda persistem no presente.

Fontes

RODRIGUES, Raimundo Nina. A organização do serviço sanitário no Brazil. *Gazeta Médica da Bahia*, nº 3, 1891.

RODRIGUES, Raimundo Nina. Estudos de craniometria. O crânio do salteador Lucas e o de um índio assassino. *Gazeta Médica da Bahia*. Nº 10, 1892.

Referências

AGUIRRE, Carlos. Cárcere e sociedade na América Latina, 1800-1940. In: MAIA, Clarissa Nunes (org.). **História das prisões no Brasil**. 1º ed. Rio de Janeiro: Anfitriato, 2017.

ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, RONNIE JORGE TAVARES. “**sob o império do determinismo biológico**”: raça, religião, loucura e crime nas teses da “imponentíssima basilica do ensino médico do Brasil” (1844-1928). Salvador: UFBA, 2011. (Tese de Doutorado)

CORRÊA, Mariza. **As Ilusões da liberdade**: A escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

COSTA, Iraneidson Santos. **A Bahia já deu régua e compasso**: o saber médico-legal e a questão racial na Bahia, 1890-1940. Salvador: UFBA, 1997. (Dissertação de Mestrado)

DIAS, Adriana Albert. **A malandragem da mandinga**: o cotidiano dos capoeiras em Salvador na República Velha (1910-1925). Salvador: UFBA, 2004. (Dissertação de Mestrado)

FARIA, Rivaldo Mauro de; BORTOLOZZI, Arlêude. Espaço, território e saúde: contribuições de Milton Santos para o tema da geografia da saúde no Brasil. **R. RA’EGA**, Curitiba, n. 17, p. 31-41, 2009. Editora UFPR.

FERREIRA, Angela; EDUARDO, Anna Rachel; DANTAS, Ana Caroline. Geografias e topografias médicas: Os primeiros estudos ambientais da cidade concreta. **Investigaciones geográficas**, México, n. 52, 2003.

FRAGA, Walter Filho. **Mendigos e vadios na Bahia do século XIX**. Salvador: UFBA, 1994. (Dissertação de Mestrado)

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

GÓES, Weber Lopes. **Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro**: a proposta de povo em Renato Kehl. Marília: UNESP, 2015. (Dissertação de Mestrado)

NASCIMENTO, Ana Amélia Vieira. **As Dez freguesias da cidade do Salvador**. Salvador: EDUFBA, 2007.

RANGEL, Pollyanna Soares. Apenas uma questão de cor? As teorias raciais dos séculos XIX e XX. **Revista Simbiótica**. Espírito Santo, vol. 2, n. 1, jun., 2015.

REIS, João José. **A Morte é uma festa**: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIOS, Venézia Durando Braga. **O Asylo São João de Deos**: As faces da loucura. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006. (Tese de Doutorado)

ROCHA, Rafael Rosa da. **Professor Faustino, o “Doutor-Bota mão”**: um “curandeiro” na Bahia no limiar do século XX. Salvador: UFBA, 2015. (Dissertação de Mestrado)

RODRIGUES, Nina. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2011, 95p. ISBN 978-85-7982-075-5. Available from: SciELO Books: <<http://books.scielo.org>>.

RODRIGUES, RN. **Os africanos no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 303 p. ISBN: 978-85-7982-010-6. Available from SciELO Books: <<http://books.scielo.org>>.

SANTOS, Milton. **O centro da cidade de Salvador**. 2º ed. Salvador: Edufba, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das Raças**: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O animismo Fetichista dos negros baianos**. IN: Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2007, v. 50, nº 2. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/issue/view/2051>>. Acesso em: 31 de março de 2020.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRINDADE, Claudia Moraes. **Ser Preso na Bahia no século XIX**. Salvador: UFBA, 2012. (Tese de Doutorado)

VAZ, Anderson Rodrigues. **Adoradores de Dionísio**: Uso e restrições ao consumo do álcool na Bahia (1870-1930). Salvador: UFBA, 2017. (Dissertação de Mestrado)